

Literatura: Simbolismo e Pré-modernismo

Contexto histórico

Características

Referências

Prof.ª Daniela Florão – Linguagens – 07.07.2023

Simbolismo no mundo

Europa, 1880

- Resposta à literatura objetiva, descritiva: recusa a todos os valores ideológicos e existenciais da burguesia;
- Temáticas marginais e amorais, além da destruição da linguagem em reação a Belle Époque, ao capitalismo financeiro e industrial e ao imperialismo;
- Anti-intelectualismo: a lírica ideal é pura, não racionalizada; usa imagens, e não conceitos;
- Início: Charles Baudelaire, com “As flores do mal” (1857); (Créditos da imagem: Adoc photos/Corbis/Getty Images)



“Pior do que a animosidade da crítica foi a censura. Ainda em 1857, Flores do mal foi alvo de um processo por ofensa à moral e aos bons costumes. Baudelaire não teve a mesma sorte que Flaubert e seu Madame Bovary pouco tempo antes: condenado, precisou pagar uma multa e foi instado a suprimir seis poemas das tiragens posteriores. O moralismo do século 19 trancava de volta nas alcovas a libertinagem setecentista. A proibição só seria revista 92 anos depois.”

(Por Lucas Neves. Texto disponível em:
<https://www.quatrocinco.com.br/br/noticias/literatura-francesa/anjo-torto>)

*Dá um tempo, ó minha dor, controla tua
agressividade.*

Tu querias a noite; Aí está; ela vem descendo;

*Uma atmosfera sombria já envolve quase toda a
cidade,*

Uns encontram a paz; outros seguem padecendo.

Enquanto dos mortais a multidão vil,

Sob o chicote do prazer, esse impiedoso carrasco,

Vai colhendo remorsos na festa servil,

*Minha dor, me dá a mão, vamos por aqui, sem
asco,*

*Ver, longe deles, debruçaram-se os anos defuntos,
Sobre os balcões do céu, usando velhos
conjuntos;*

*Emergir a saudade, do fundo das águas,
sorridente;*

*O sol moribundo adormecer atrás da arcada
mansa,*

*E, como uma longa mortalha arrastando-se no
Oriente,*

Ouve, minha cara, ouve a doce noite que avança.

(Charles Baudelaire, em *Les Fleurs du Mal*)

“Em uma época em que, sob o pretexto naturalista, a arte foi reduzida somente a uma imitação do contorno exterior das coisas, os simbolistas voltam a ensinar aos jovens que as coisas também têm alma, alma da qual os olhos humanos não captam mais do que o invólucro, o véu, a máscara.” (GONZAGA, Sergius. Curso de Literatura Brasileira.)

- Subjetivismo além do Romantismo: surge o subconsciente e o inconsciente;
- Efeito de sugestão: uso de símbolos e metáforas;
- Musicalidade;
- Irracionalismo e mistério: não há possibilidade de comunicação lógica entre os homens: *“Nós não estamos no mundo”*. (Rimbaud, poeta simbolista francês).

Simbolismo no Brasil

- Movimento surgido em províncias intelectualmente sem importância na época: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais;
- Reação subjetivista ao descritivismo parnasiano;
- Sugestão por meio de símbolos e metáforas;
- Sugestão por meio da musicalidade da linguagem;
- Mistério, espiritualismo e misticismo;
- Abandono das fórmulas rígidas e uso de uma nova linguagem;
- Domínio do vago, obscuro, nebuloso, inefável.

Cruz e Sousa (1861-1898) - Desterro (atual Florianópolis)

Obras: Broquéis (1893); Missal (1893); Evocações (1899); Faróis (1900); Últimos sonetos (1905).

Temáticas:

Obsessão pela cor branca;

O erotismo e sua sublimação;

O sofrimento da condição negra;

A espiritualização.

"ó Formas alvas, brancas. Formas claras
de luares, de neves, de neblinas! ...
Ó Formas vagas, fluídas, cristalinas ...
Incensos dos turibulos das aras..."

Violões que Choram

Ah! plangentes violões dormentes,
mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
Noites da solidão, noites remotas
Que nos azuis da fantasia bordo,
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua.
Anseio dos momentos mais saudosos,
Quando lá choram na deserta rua
As cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão
soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas
gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras
tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,
Dedos nervosos e ágeis que percorrem
Cordas e um mundo de dolências geram,
Gemidos, prantos, que no espaço
morrem...

E sons soturnos, suspiradas mágoas,
Mágoas amargas e melancolias,
No sussurro monótono das águas,
Noturnamente, entre remagens frias.

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
Tudo nas cordas dos violões ecoa
E vibra e se contorce no ar, convulso...
Tudo na noite, tudo clama e voa
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
São ilhas de degredo atroz, funéreo,
Para onde vão, fatigadas no sonho,
Almas que se abismaram no mistério."

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo,

Mas eu que sempre te segui os passos
sei que cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) - Ouro Preto

Obras: Setenário das dores de Nossa Senhora (1899); Dona Mística (1899); Câmara ardente (1899); Kyriale (1902).

Temáticas:

A morte da noiva;

O misticismo religioso;

A paisagem fantasmagórica das cidades mineiras;

Linguagem rica em musicalidade.

Hão de chorar por ela os cinamomos

*Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos
Lembrando-se daquela que os colhia.
As estrelas dirão: – “Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria...
“E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.
A lua que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.
Os meus sonhos de amor serão
defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: – “Por que não vieram
juntos?*

Ismália

*Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar.*

Pré-modernismo

- Europa convulsionada pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução Soviética;
- Brasil: Café como base da economia e hegemonia política de grandes cafeicultores;
- Política do Café com Leite;
- Urbanização, imigração e crescimento industrial;
- Classe média emergente;
- Surge uma parcela da população que se mostra insatisfeita;
- Início dos anos 30: Getúlio Vargas;
- Chocam-se vários estilos: surge, em 1950, a terminologia “Pré-Modernismo”;
- Grupo passadista (parnasianos e simbolistas) x Grupo renovador (artistas dispostos a analisar o país por uma perspectiva crítica).
- Sincretismo estético
- Ruptura com o academicismo;
- Ruptura com o passado e a linguagem parnasiana;
- Linguagem coloquial, simples;
- Exposição da realidade social brasileira;
- Regionalismo e nacionalismo;
- Marginalidade das personagens: o sertanejo, o caipira, o mulato;
- Temas: fatos históricos, políticos, econômicos e sociais.

Euclides da Cunha (1866-1909)

- Autor de *Os sertões*;
- O repórter da guerra;
- Relato sobre a Guerra de Canudos, dividido em três partes: A terra; O homem; A luta;
- Denúncia do esquecimento do sertão brasileiro;
- Estilo áspero, brilhante, difícil;
- Mistura de sociologia, documento, panfleto, literatura e interpretação do Brasil.

Graça Aranha (1868-1931)

- Autor de *Canaã*
- Romance de tese, romance-ensaio;
- Justificativa da imigração
- A integração cósmica do indivíduo à realidade brasileira;
- Linguagem retórica;
- Participou da Semana de Arte Moderna.

Lima Barreto (1881-1922)

- Autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*;
- Romances com personagens populares;
- Valorização da vida suburbana;
- Caricatura dos poderosos;
- Crítica ao nacionalismo ufanista;
- Denúncia dos preconceitos;
- Estilo simples e direto.

Monteiro Lobato (1882-1948)

- Autor de *Urupês*; *Cidades mortas*; e *Negrinha*;
- Autor de *Reinações de Narizinho* (1931);
- Temática renovadora: o mundo rural de São Paulo;
- Linguagem conservadora;
- Literatura infanto-juvenil.

Problema do racismo: uma discussão válida e necessária!

“– Pois cá comigo – disse Emília – só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto!

– Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora!

– Emília, Emília ! – ralhou Dona Benta.”

Simões Lopes Neto (1865-1916)

- Autor de *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*;
- Regionalismo no assunto e na linguagem;
- Descrença relativa nos valores da oligarquia.

Augusto dos Anjos (1884-1914)

- Autor de *Eu*;
- Poesia “cientificista”;
- O grotesco;
- A angústia cósmica.

Psicologia de um vencido

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.*

*Produndissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à
ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.*

*Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!*

Versos íntimos

*Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!*

*Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.*

*Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que
apedreja.*

*Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!*

Questão 01. (ENEM)

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres,
Embriagado, tonto de prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.
Atravessaste no silêncio escuro
A vida presa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.
Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo,
Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!

SOUSA, C. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1961.

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em

- (a) Sofrimento tácito diante dos limites impostos pela discriminação.
- (b) Tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
- (c) Extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
- (d) Frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
- (e) Vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

Questão 02. (ENEM)

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.
Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.
Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

(CRUZ E SOUSA, J. Poesia completa. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1993)

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema Cárcere das almas, de Cruz e Sousa, são:

- (a) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
- (b) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- (c) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- (d) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
- (e) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

Questão 03. (ENEM)

A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil, a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Dr. Frederico. O comendador seu pai não quer porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio de irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande.

Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário.

BARRETO, L. Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá. Disponível em: www.brasiliana.usp.br. Acesso em: 10 ago. 2017.

Situado num momento de transição, Lima Barreto produziu uma literatura renovadora em diversos aspectos. No fragmento, esse viés se fundamenta na

- (a) Releitura da importância do regionalismo.
- (b) Ironia ao folhetim da tradição romântica.
- (c) Desconstrução da formalidade parnasiana.
- (d) Quebra da padronização do gênero narrativo.
- (e) Rejeição à classificação dos estilos de época.

Questão 04. (ENEM)

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carmificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A poesia de Augusto dos Anjos revela aspectos de uma literatura de transição designada como pré-modernista. Com relação à poética e à abordagem temática presentes no soneto, identificam-se marcas dessa literatura de transição, como

- (a) A forma do soneto, os versos metrificados, a presença de rimas e o vocabulário requintado, além do ceticismo, que antecipam conceitos estéticos vigentes no Modernismo.
- (b) O empenho do eu lírico pelo resgate da poesia simbolista, manifesta em metáforas como “Monstro de escuridão e rutilância” e “influência má dos signos do zodíaco”.
- (c) A seleção lexical emprestada ao cientificismo, como se lê em “carbono e amoníaco”, “epigênese da infância” e “frialdade inorgânica”, que restitui a visão naturalista do homem.
- (d) A manutenção de elementos formais vinculados à estética do Parnasianismo e do Simbolismo, dimensionada pela inovação na expressividade poética, e o desconcerto existencial.
- (e) A ênfase no processo de construção de uma poesia descritiva e ao mesmo tempo filosófica, que incorpora valores morais e científicos mais tarde renovados pelos modernistas.

Questão 05. (ENEM)

O falecimento de uma criança é um dia de festa. Ressoam as violas na cabana dos pobres pais, jubilosos entre as lágrimas; reverbe o samba turbulento; vibram nos ares, fortes, as coplas dos desafios, enquanto, a uma banda, entre duas velas de carnaúba, coroado de flores, o anjinho exposto espelha, no último sorriso paralisado, a felicidade suprema da volta para os céus, para a felicidade eterna – que é a preocupação dominadora daquelas almas ingênuas e primitivas.

(CUNHA, Euclides da. Os sertões: campanha de Canudos. Edição comemorativa do 90.º ano do lançamento. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992, p. 78)

Nessa descrição de costume regional, é empregada:

- (a) Variante linguística que retrata a fala típica do povo sertanejo.
- (b) A modalidade coloquial da linguagem, ressaltando-se expressões que traduzem o falar de tipos humanos marginalizados.
- (c) Variedade linguística típica da fala doméstica, por meio de palavras e expressões que recriam, com realismo, a atmosfera familiar.
- (d) Linguagem literária, na modalidade padrão da língua, por meio da qual é mostrado o Brasil não-oficial dos caboclos e do sertão.
- (e) A linguagem científica, por meio da qual o autor denuncia a realidade brasileira.

Gabarito: Q1A; Q2C; Q3B; Q4D; Q5D.